

JOSÉ MARÍA, BLÁZQUEZ.
Religiones en la España antigua.
Cátedra, Madrid, 1991, 445 pp.,
ilust. (Colección Historia/Serie
Menor).

Colectânea de artigos publicados aqui e ali, esta nova obra do Prof. Blázquez reveste-se, por isso, de alguma utilidade para quem investigue e se interesse pelas manifestações religiosas na Hispânia romana.

O volume está organizado em quatro partes: «Deuses e rituais», «necrópoles, rituais e crenças funerárias», «religião e urbanismo» e «Cristianismo».

Vários dos artigos têm como objetivo actualizar os conhecimentos, dando conta das novidades publicadas sobre o tema em apreço. Talvez tivesse sido, por isso, interessante incluir, no final do volume, uma bibliografia tanto quanto possível exaustiva, com indicação precisa das páginas em que os assuntos são tratados. Por outro lado, a ausência duma ligação mais estrutural entre cada um dos textos —cuja redacção original se manteve— pode vir a dificultar a consulta aos menos experientes.

Optou, de um modo geral, o Prof. Blázquez por transmitir, em síntese e sem grandes comentários da sua lavra, o que os vários autores escreveram. Os seus amplos conhecimentos da bibliografia peninsular ter-lhe-iam facilmente servido para dar, de cada documento ou vestígio assinalado, uma perspectiva maior e coerente.

Sirva-nos, a título de exemplo do que acabamos de dizer, o ponto que abre o capítulo *Nuevas aportaciones a las religiones primitivas de Hispania* (pp. 157-182), publicado pela primeira vez em 1988. Aí se faz referência à «Breve notícia sobre o santuário campestre romano de Miróbriga dos Célticos (Portugal)» inserida no volume V (pp. 19 e seguin-

tes) da *Homenaje a García y Bellido*, cuja data de publicação não é referida. Consta da bibliografia de D. Fernando de Almeida a nota «O santuário romano, campestre, de Miróbriga dos Célticos» (resumo) vinda a lume na *Revista de Guimarães*, 78 (1-2), Junho de 1968, pp. 92-96. É muito provável que se trate, pois, do mesmo texto. Tinha, portanto, já em 1988 cerca de vinte anos. Ora, uma leitura apressada desse primeiro parágrafo pode sugerir que a inscrição a Esculápio aí referida acaba de encontrar-se, é uma novidade, quando se trata de um texto há muito conhecido. Por conseguinte — e sem sermos exigentes ao ponto de solicitarmos a informação, em nota de rodapé, da bibliografia posterior (que é muita!) sobre esse importante texto — teria sido bem útil que, mesmo entre parêntesis, se assinalasse que se está a falar de CIL II 21, a que, aliás, o Prof. Blázquez se referia poucas páginas antes (p. 145).

Sirva-nos este exemplo para ilustrar também dois outros aspectos que tornam menos ágil a consulta do volume.

Em primeiro lugar, a grande dificuldade sentida por quem teve a cargo a revisão. No caso vertente, o dedicante é C. *Attius* Ianuarius e não *Atticus*; e as duas últimas linhas devem ler-se *Flabius Isas heres/ fac(iendum) cur(avit)* e não: *Flabius Isas/ff(aciendum)*.

Depois, nem sempre a bibliografia citada foi tida em consideração. Em relação a esta epígrafe, por exemplo, há publicações que expressamente a estudam (citadas, v. g., nas pp. 145 e 152) e que são, aqui, omitidas.

A inclusão de índices (toponímicos, de técnicos, analíticos...) teria certamente evitado muitos erros tipográficos (por exemplo, o Corral de Vascos da p. 161 é o mesmo que Corral de Vacas da p. 174, e o topónimo correcto é Cural de Vacas) e facilitado em muito a consulta,

nomeadamente quando há várias vezes mencionado o mesmo documento (por exemplo, a inscrição rupestre de Vilar de Perdizes, CIL II 2476, é referida, sempre com leituras diferentes, nas pp. 119, 143 e 171, sem que haja, no texto, qualquer chamada de atenção para tal).

Uma obra que tem, sem dúvida, utilidade mas que deve ser manuseada com muita cautela. Bom repositório de dados que deixa ao leitor a tarefa de minuciosamente os trabalhar.

José d'Encarnação

A. DE SOUSA ARAÚJO-J. CARDOSO.
Historia das guerras da Ibérica de Apiano. Braga, 1991.

Se abre el libro con una introducción debida a la pluma de Sousa Araújo. La introducción contiene doce apartados, donde se estudian sucesivamente la figura de Apiano, su obra, las fuentes, el método de trabajo del historiador, su interés por Iberia, su estudio de la Antigüedad, la Lusitania según Apiano, la figura de Viriato, Apiano y Portugal, ediciones de Apiano, ejemplares de Apiano en bibliotecas lusas y consideraciones finales.

En esta introducción a Apiano en treinta y seis páginas se destaca, a mi entender, la amistad entre Frontón y Apiano, citando una carta al emperador Antonino Pío (136-161), donde Frontón intercede para que se le conceda un alto cargo a su amigo. Se puntualiza en que Focio, en el siglo IX, conoció todas las obras de Apiano, unos veinticuatro libros, de los que han llegado hasta la actualidad once. Se asevera que la historia de Apiano es una obra histórica por naciones y no según criterios cronológicos.

Respecto a fuentes, Apiano conoció fundamentalmente a Polibio, pero tam-

bién a Paulo Claudio, César, Augusto, Asino Polión, Varrón, Fabio Pictor, Casio Hemina, Rutilio Rufo. Parece que Apiano conoce la obra de Polibio, no directamente, sino a través de Posidonio. Cita Sousa Araújo, a propósito de las fuentes, trabajos de L. Mendelsohn, del profesor Schwartz, así como de Horace White. Sobre el método de trabajo de Apiano se sostiene que no se ofrece una secuencia histórica con unidad interna, sino una serie de monografías llenas de vida, pero sin visión de unidad conjunta. Recoge la introducción la dura crítica de J.A. Hild, para quien Apiano carece de exactitud y sentido críticos, con inseguras y falsas cronologías y sin mencionar sus fuentes. Frente a tan dura opinión se cita la de White, para quien Apiano no es ni mejor ni peor que los demás historiadores antiguos; pero se insiste en que Apiano parece más bien un narrador que un historiador. Sugestiva es la citada frase de Schwartz, quien afirma que la obra de Apiano es una «novela histórica», refiriéndose concretamente al libro III.

La introducción destaca el interés y la curiosidad que sienten por Iberia los diversos pueblos colonizadores antiguos; les interesaba sobre todo el subsuelo por la abundancia en oro, plata, hierro, cobre y estaño. Se destaca asimismo el afán de independencia de los iberos y su afición a las artes bélicas, lo que les impulsaba a enrolarse como mercenarios. Se analiza el interés por Iberia en ciertos autores antiguos, tales como Polibio, Posidonio y Estrabón. Entre las ediciones de Apiano, conocidas por las bibliotecas lusas, se destaca la *editio Princeps* de Petrus Candidus, en versión latina efectuada en 1452, además de cuatro ediciones más del siglo XV.

Del XVI se citan veintitrés ediciones conocidas por bibliotecas portuguesas, entre ellas la de Valencia de 1522 en tra-